

## CAPÍTULO 8

### NEUROEDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA REVISÃO SOBRE EMOÇÕES, CÉREBRO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

**Carla Mylena da Silva Rodrigues**

Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC)

**Emanoel Jackson Lisboa**

Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC)

---

#### RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar as contribuições da neuroeducação para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais na Educação Infantil, por meio de uma revisão bibliográfica de abordagem qualitativa. Foram selecionadas produções acadêmicas publicadas entre 2019 e 2024, localizadas em bases indexadas e repositórios institucionais, com foco em estudos que articulam descobertas da neurociência com práticas pedagógicas voltadas à empatia, autorregulação e colaboração. Os resultados indicam que as emoções exercem papel central na aprendizagem e que a plasticidade cerebral da infância torna esse período especialmente propício ao desenvolvimento de competências socioemocionais. Estratégias como a contação de histórias, jogos cooperativos, atividades expressivas e rotinas afetivamente estruturadas foram identificadas como eficazes na promoção dessas habilidades. A análise também aponta que, embora haja crescente valorização da dimensão emocional nas políticas educacionais, como demonstra a Base Nacional Comum Curricular, persistem desafios relacionados à formação docente, à ausência de práticas pedagógicas intencionais e ao uso indiscriminado de tecnologias na infância. Conclui-se que a neuroeducação oferece fundamentos científicos relevantes para a ressignificação das práticas pedagógicas, contribuindo para uma educação integral, que reconhece a criança como sujeito de emoções, relações e aprendizagens. A formação continuada de professores e o compromisso institucional com a cultura do cuidado e da escuta são fatores decisivos para que a integração entre ciência e educação se concretize de forma efetiva na Educação Infantil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Infantil; Habilidades socioemocionais; Neuroeducação.

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, tem ganhado força o debate sobre a importância de promover o desenvolvimento integral das crianças na Educação Infantil, especialmente no que diz respeito às competências socioemocionais. Valores como empatia, autorregulação, cooperação e escuta ativa passaram a ser vistos como essenciais em uma proposta pedagógica que enxerga a criança de forma completa — com sentimentos, pensamentos, corpo e linguagem atuando de forma integrada. É nesse cenário que a neuroeducação se destaca, oferecendo fundamentos teóricos e práticas que ajudam a aproximar cognição e emoção no dia a dia das salas de aula (Nepomuceno; Pavanati, 2023; Maia; Carvalho, 2023).

A neuroeducação junta conhecimentos da neurociência, da psicologia e da pedagogia para ajudar a entender melhor como as crianças aprendem e se desenvolvem. Na primeira infância, o cérebro está num momento de grande transformação — ele é muito sensível ao que acontece ao redor. Por isso, esse é um período essencial para trabalhar tanto os sentimentos quanto o pensamento das crianças. Quando o educador entende como esse processo funciona, fica mais fácil planejar atividades que respeitem o tempo de cada uma, aproveitando o potencial que elas já têm e ajudando a crescer com mais equilíbrio (Silva; Azevêdo, 2024).

Pesquisas vêm mostrando que as emoções vividas pelas crianças no dia a dia têm um impacto direto na forma como elas aprendem, se relacionam com os outros e enfrentam dificuldades. Para que a aprendizagem realmente faça sentido, é fundamental que o ambiente escolar seja afetivamente acolhedor, com vínculos baseados no respeito, na escuta atenta e na empatia. A afetividade, nesse cenário, não é algo secundário — ela passa a ocupar um lugar central na construção das práticas pedagógicas (Maia; Carvalho, 2023; Dias; Del Prette, 2022).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) passou a reconhecer, de forma oficial, que as competências socioemocionais fazem parte do que se espera da formação dos estudantes ao longo da Educação Básica. Entre elas estão habilidades como reconhecer e lidar com as próprias emoções, controlar impulsos, ter empatia, trabalhar em grupo e fazer escolhas com responsabilidade. Mas, para que esses aspectos realmente façam parte do processo educativo, é fundamental que estejam presentes no currículo e na formação dos professores, de forma contínua e integrada — e não apenas em atividades pontuais ou desvinculadas do cotidiano escolar (Ricieri; Rocha; Ricardo, 2024).

Apesar dos avanços teóricos, ainda é possível perceber muitos desafios quando se trata de aproximar os conhecimentos da neuroeducação da prática cotidiana nas escolas. Em diversas instituições, predominam métodos tradicionais, focados quase exclusivamente na transmissão de conteúdos, enquanto aspectos emocionais e relacionais do processo de aprender acabam sendo deixados de lado. Essa situação revela um

descompasso entre o que a pesquisa científica tem apontado e o que de fato acontece na sala de aula — especialmente no que diz respeito à preparação dos professores para lidar com as dimensões socioemocionais da aprendizagem (Marçal, 2024; Oliveira, 2022).

Além disso, a formação inicial e continuada dos professores da Educação Infantil nem sempre contempla de forma consistente os fundamentos da neuroeducação. Muitos docentes demonstram interesse pelo tema, mas não se sentem preparados para traduzir os conhecimentos teóricos em estratégias pedagógicas concretas. Essa ausência de preparo contribui para a reprodução de práticas desarticuladas das necessidades emocionais das crianças (Silva; Azevêdo, 2024; Rocha; Vercelli, 2020).

O modo como a escola se organiza e acolhe as crianças tem um grande peso no jeito como elas aprendem a lidar com o que sentem e com os outros ao seu redor. Quando o ambiente é respeitoso afetuoso e dá espaço para que cada criança possa se expressar, isso contribui diretamente para o fortalecimento dos vínculos, para a convivência mais pacífica e para o desenvolvimento emocional de forma mais equilibrada. Práticas como escutar com atenção, acolher sem julgamento e respeitar o tempo de cada um ajudam a criar esse clima (Jankauskas, 2024; Moraes, 2022).

Atividades como contar histórias, propor jogos em grupo, fazer rodas de conversa e brincadeiras de dramatização têm mostrado ótimos resultados nesse sentido. Elas não só animam a aula, mas também ensinam muito sobre empatia, convivência e respeito. Durante essas práticas, as crianças aprendem a ouvir o outro, a identificar o que estão sentindo, a esperar sua vez e a cooperar com os colegas — habilidades que fazem muita diferença no cotidiano da escola e fora dela também (Oliveira, 2022; Dias; Del Prette, 2022).

Nem tudo acontece dentro da escola, um ponto de atenção é o uso crescente das tecnologias desde muito cedo. Muitas crianças já passam horas em frente a telas, seja no celular, no tablet ou na TV, e nem sempre com a orientação de um adulto. Quando isso acontece sem um olhar cuidadoso, pode atrapalhar o desenvolvimento da atenção, da empatia e das relações sociais. É por isso que o uso dessas tecnologias precisa ser pensado com intenção, com a mediação de quem está ali para garantir que o emocional da criança não fique de lado nesse processo (Nepomuceno; Pavanati, 2023).

No dia a dia da sala de aula, é cada vez mais evidente que o papel do educador precisa mudar. Não dá mais para enxergar a dimensão emocional como um detalhe ou algo que se trabalha só em ocasiões específicas. As emoções atravessam o tempo todo o processo de ensinar e aprender. Por isso, o professor precisa estar preparado para lidar com esse aspecto de forma ativa — criando espaços de diálogo, ajudando na construção da empatia e promovendo o respeito entre as crianças. Esse trabalho exige mais do que sensibilidade: requer também uma formação que aborde de maneira clara os fundamentos da neuroeducação (Silva; Azevêdo, 2024; Jankauskas,

2024).

Outro ponto que aparece com força na literatura é a escuta verdadeira da criança. Não aquela escuta formal, feita só para cumprir protocolo, mas a escuta que considera o que ela sente, pensa e vive. Quando a escola abre espaço para isso, mostra que reconhece a criança como alguém que tem voz, que tem o que dizer — e isso faz toda a diferença. O respeito às suas emoções e às suas formas de expressão ajuda a criar um ambiente onde o cuidado e a participação andam juntos. E, nesse tipo de ambiente, o envolvimento das crianças cresce, assim como suas habilidades sociais e afetivas (Morais, 2022; Ricieri; Rocha; Ricardo, 2024).

Com base nessas reflexões, este estudo parte de uma pergunta central: como a neuroeducação pode ajudar no desenvolvimento das competências socioemocionais na Educação Infantil? Para responder a isso, recorre-se à análise de textos acadêmicos que tratam do tema, com o objetivo de pensar práticas pedagógicas mais conectadas com o que as crianças realmente precisam: uma educação que respeite suas emoções, seus ritmos e que tenha como base não apenas o conteúdo, mas também o vínculo.

## **JUSTIFICATIVA CIENTÍFICA**

A neuroeducação constitui um campo interdisciplinar em expansão, cuja relevância tem sido amplamente reconhecida nos estudos sobre o desenvolvimento infantil. Ao reunir contribuições das neurociências, da psicologia e da pedagogia, essa abordagem permite compreender de forma mais aprofundada os mecanismos que regulam o comportamento, a aprendizagem e a formação das competências emocionais nas fases iniciais da vida. Durante a infância, o cérebro encontra-se em intensa atividade de reorganização sináptica, e essa plasticidade é diretamente influenciada pelas experiências afetivas e sociais vividas no ambiente escolar, com base nisso, pesquisadores defendem a necessidade de estudos que sistematizem os achados neurocientíficos, relacionando-os à prática pedagógica na Educação Infantil, a fim de favorecer a construção de propostas coerentes com as necessidades emocionais das crianças (Hennemann, 2015; Nepomuceno; Pavanati, 2023).

## **JUSTIFICATIVA EDUCACIONAL**

A Educação Infantil é reconhecida como etapa fundamental na formação integral da criança, conforme estabelecem a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e a Base Nacional Comum Curricular. Entretanto, muitas escolas ainda adotam metodologias centradas em conteúdos formais e em rotinas repetitivas, negligenciando o desenvolvimento das habilidades socioemocionais. Esse cenário revela uma fragilidade na preparação dos docentes, que muitas vezes não recebem formação específica sobre como trabalhar de forma intencional as dimensões

emocionais no ambiente escolar (Oliveira, 2022; Ricieri; Rocha; Ricardo, 2024). A literatura analisada demonstra que práticas pedagógicas mediadas por vínculos afetivos, escuta ativa e estímulos apropriados são mais eficazes para o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças, reforçando a importância de alinhar teoria e prática no planejamento educativo (Silva; Azevêdo, 2024).

## **JUSTIFICATIVA SOCIAL**

Nos últimos anos, muitas mudanças no jeito de viver em sociedade — somadas ao uso cada vez mais precoce de celulares, tablets e outros dispositivos — têm afetado diretamente o bem-estar emocional das crianças. É comum ver que, com menos tempo para o contato presencial e para o brincar livre, elas acabam mais ansiosas, impulsivas ou com dificuldade para se relacionar com os colegas (Nepomuceno; Pavanati, 2023).

Por tudo isso, o papel da escola vai muito além do que ensinar conteúdos. Ela precisa ser um lugar onde as crianças se sintam seguras para falar, para sentir e para se relacionar com os outros. Quando existe um ambiente de cuidado verdadeiro e escuta atenta, fica mais fácil para elas desenvolverem atitudes como empatia, saber esperar, conviver com as diferenças e aprender a colaborar. Essas habilidades fazem diferença não só dentro da escola, mas também fora dela — ajudam a formar pessoas mais respeitosas, mais abertas ao diálogo e mais preparadas para viver em grupo (Jankauskas, 2024; Maia; Carvalho, 2023).

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa é uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo, focada em analisar estudos que falam sobre como a neuroeducação pode contribuir para o desenvolvimento das habilidades socioemocionais na Educação Infantil. A ideia é reunir, organizar e refletir de forma crítica sobre o que já foi produzido nessa área, buscando entender melhor o que se sabe, o que ainda precisa ser explorado e quais caminhos teóricos já vêm sendo trilhados.

A coleta dos materiais foi realizada entre os meses de abril e maio de 2025, por meio de buscas em bases e indexadores acadêmicos amplamente reconhecidos, como SciELO (Scientific Electronic Library Online), Google Scholar, CAPES Periódicos, Redalyc e DOAJ (Directory of Open Access Journals). Também foram consultados repositórios institucionais de universidades brasileiras, com o intuito de incluir dissertações e trabalhos de conclusão de curso que tratassem diretamente da temática.

Utilizaram-se as seguintes palavras-chave, combinadas por operadores booleanos: “neuroeducação” AND “educação infantil”; “habilidades socioemocionais” AND “aprendizagem”; “emoções” AND “desenvolvimento infantil”; “empatia” AND “autorregulação” AND “colaboração”; “cérebro” AND “educação”. A busca foi realizada em língua portuguesa, priorizando

publicações nacionais.

Os critérios de inclusão foram: (1) textos publicados entre os anos de 2019 e 2024; (2) alinhamento temático com a relação entre neuroeducação e o desenvolvimento de competências emocionais na primeira infância; (3) apresentação de fundamentação teórica ou metodológica clara; e (4) publicação em veículos científicos ou acadêmicos com reconhecimento institucional. Foram excluídas produções que abordassem apenas um dos eixos temáticos de forma isolada, bem como textos opinativos e materiais sem respaldo científico.

Após a triagem e análise dos conteúdos, foram selecionados quatorze documentos, entre artigos científicos, dissertações e trabalhos acadêmicos, os quais compõem o corpus da presente pesquisa. A leitura e análise do material seguiram procedimentos de interpretação qualitativa, com ênfase na identificação de categorias centrais como neuroplasticidade, aprendizagem emocional, empatia, autorregulação e práticas pedagógicas fundamentadas em neuroeducação.

## **RESULTADOS DA REVISÃO E DISCUSSÃO**

### **Contribuições da Neuroeducação para a Compreensão das Emoções e do Cérebro Infantil**

A neuroeducação apresenta-se como um campo interdisciplinar que integra saberes da neurociência, psicologia e pedagogia, com o objetivo de compreender os processos de aprendizagem a partir da estrutura e funcionamento do cérebro. Essa abordagem propõe novas formas de olhar para a prática educativa, especialmente na Educação Infantil, ao reconhecer que as emoções são elementos centrais no desenvolvimento da criança e na construção do conhecimento (Hennemann, 2015).

Durante a infância, o cérebro humano apresenta elevado grau de neuroplasticidade, ou seja, uma capacidade ampliada de reorganização sináptica e formação de novas conexões neurais em resposta a estímulos do ambiente. Essa condição torna a criança particularmente sensível às interações afetivas e sociais que vivencia no contexto escolar (Nepomuceno; Pavanati, 2023).

A aprendizagem, sob a ótica da neuroeducação, é compreendida como modificação de comportamentos em decorrência de estímulos internos e externos. Esse entendimento desloca o foco da simples transmissão de conteúdos para a criação de ambientes propícios ao engajamento emocional e à participação ativa do sujeito (Hennemann, 2015).

Nepomuceno e Pavanati (2023) explicam que emoção, atenção e memória são partes centrais do processo de aprendizagem, porque atuam de forma integrada na maneira como o cérebro se adapta e aprende com o tempo. Quando uma experiência provoca surpresa, desperta afeto ou encanta, ela ganha força dentro da mente da criança — e isso faz com que o conteúdo aprendido ali tenha mais chances de ser lembrado e compreendido.

Por isso, o envolvimento emocional não pode ser deixado de lado. Ao contrário, ele é um dos fatores que tornam as memórias realmente significativas. Situações em sala de aula que provocam prazer, empatia ou curiosidade costumam deixar marcas mais profundas e ajudam na construção de atitudes, valores e habilidades que as crianças carregam para a vida (Maia; Carvalho, 2023).

A atenção também funciona dentro dessa lógica. Ela não é algo puramente racional — é influenciada pelo que a criança sente. Quando uma atividade toca em algo que faz parte do seu mundo, das suas experiências ou afetos, a tendência é que ela preste mais atenção e se envolva de verdade. Isso mostra o quanto é importante criar propostas pedagógicas conectadas à realidade dos alunos, levando em conta aquilo que eles vivem e sentem todos os dias (Nepomuceno; Pavanati, 2023).

Oliveira (2022) afirma que práticas pedagógicas que incorporam o universo emocional da criança — como rodas de conversa, dramatizações e literatura infantil — favorecem o desenvolvimento da empatia e da autorregulação. A emoção, nesses casos, atua como mediadora da aprendizagem e não como obstáculo.

A afetividade na relação entre professor e aluno é apontada como elemento estrutural para a aprendizagem, estabelecendo vínculos sobre bases de respeito e acolhimento, há maior predisposição da criança para se envolver nas atividades escolares e expressar suas emoções de forma construtiva (Morais, 2022; Jankauskas, 2024).

Estudos como o de Dias e Del Prette (2022) demonstram que programas de formação docente voltados à neuroeducação contribuem para a ampliação da escuta pedagógica, da empatia e da compreensão dos sinais emocionais emitidos pelas crianças. Isso potencializa o planejamento de intervenções pedagógicas mais assertivas e sensíveis.

O papel do ambiente escolar também é enfatizado na literatura. Espaços que proporcionam segurança, previsibilidade e liberdade de expressão tendem a favorecer a autorregulação e o equilíbrio emocional. A rotina estruturada, combinada com práticas de escuta e validação das emoções, contribui para a organização interna da criança (Silva; Azevêdo, 2024).

Ricieri, Rocha e Ricardo (2024) argumentam que a BNCC consolida a importância das competências socioemocionais ao prever seu desenvolvimento desde a Educação Infantil. Contudo, reforçam que a implementação dessas competências requer formação específica e o engajamento da equipe pedagógica para que as ações sejam intencionais e contínuas.

A criança é compreendida, nesse contexto, como sujeito de experiências emocionais, e não apenas cognitivas. Seu comportamento, sua capacidade de aprender e de se relacionar estão imersos em uma teia de significados afetivos que precisam ser compreendidos pelo educador (Nascimento, 2023).

A espiritualidade, entendida como dimensão subjetiva que conecta a criança a um sentido de pertencimento e transcendência, é apontada por

Jankauskas (2024) como aspecto relevante para o desenvolvimento emocional. Práticas que estimulam a contemplação, o contato com a natureza e o silêncio promovem equilíbrio e autoconhecimento.

Os estudos analisados também destacam que o excesso de estímulos digitais, sem a mediação adequada, pode prejudicar o desenvolvimento emocional. Nepomuceno e Pavanati (2023) alertam para os impactos da exposição prolongada às telas sobre a atenção, a empatia e o comportamento social das crianças.

Em contrapartida, quando utilizados de forma planejada, os recursos tecnológicos podem favorecer a aprendizagem, desde que inseridos em contextos pedagógicos reflexivos e acompanhados por adultos que promovam a mediação crítica e o diálogo (Oliveira, 2022).

O professor assume o papel de mediador não apenas do conteúdo mas das emoções e dos vínculos que se estabelecem em sala de aula. Sua postura afetuosa, empática e atenta torna-se elemento determinante na constituição do clima emocional da turma e no fortalecimento das relações interpessoais (Silva; Azevêdo, 2024).

A escuta ativa, a validação das emoções e o reconhecimento da singularidade de cada criança são práticas alinhadas à neuroeducação, que contribuem para o desenvolvimento de repertórios emocionais mais elaborados e para o fortalecimento da autoestima e da autonomia (Ricieri; Rocha; Ricardo, 2024).

Em síntese, a neuroeducação oferece bases sólidas para compreender como as emoções estruturam a aprendizagem na infância. A valorização da afetividade, da empatia e da autorregulação como dimensões centrais do processo educativo aponta para uma prática pedagógica mais humanizada, sensível e alinhada ao desenvolvimento integral da criança.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise dos estudos selecionados evidencia que a neuroeducação contribui de forma significativa para o aprimoramento das práticas pedagógicas voltadas ao desenvolvimento socioemocional na Educação Infantil. Ao integrar descobertas da neurociência com fundamentos da psicologia e da educação, esse campo oferece um olhar mais sensível e fundamentado sobre o processo de aprendizagem, reconhecendo o papel central das emoções na formação integral da criança.

Durante a primeira infância, o cérebro apresenta alta plasticidade e forte influência do ambiente. A qualidade das interações afetivas vividas pelas crianças impacta diretamente a construção de habilidades como empatia, autorregulação, cooperação e escuta ativa. Esses aspectos, quando bem trabalhados, fortalecem não apenas o desempenho escolar, mas também a capacidade da criança de se relacionar com o outro de forma ética e respeitosa (Maia; Carvalho, 2023; Nepomuceno; Pavanati, 2023).

As evidências indicam que práticas pedagógicas embasadas na

neuroeducação — como contação de histórias, jogos cooperativos, dramatizações, rodas de conversa e rotinas estruturadas com escuta sensível — são eficazes na promoção das competências socioemocionais. Tais estratégias tornam o ambiente escolar mais acolhedor e humanizado, favorecendo a aprendizagem significativa (Morais, 2022; Oliveira, 2022).

Apesar das contribuições valiosas da neuroeducação, ainda existem obstáculos que dificultam sua aplicação no dia a dia das escolas. Um dos principais desafios é a formação dos professores. Muitos profissionais ainda não tiveram acesso a conhecimentos específicos sobre como levar os princípios da neuroeducação para a sala de aula de forma prática e significativa. A falta de oportunidades de formação continuada, a escassez de materiais didáticos voltados para essa abordagem e o distanciamento entre a teoria e o que realmente acontece no cotidiano escolar acabam dificultando o desenvolvimento de práticas que promovam o crescimento emocional dos alunos (Silva; Azevêdo, 2024; Rocha; Vercelli, 2020).

Além disso, a presença cada vez mais marcante de tecnologias digitais na vida das crianças exige um novo posicionamento da escola. A mediação adequada do uso desses recursos é fundamental para evitar prejuízos à atenção, à empatia e à autorregulação. A neuroeducação, nesse sentido, oferece subsídios para orientar o uso consciente e pedagógico das tecnologias (Nepomuceno; Pavanati, 2023).

A Base Nacional Comum Curricular estabelece o desenvolvimento das competências socioemocionais como parte constitutiva do currículo, o que exige planejamento, intencionalidade e comprometimento institucional. A inclusão efetiva dessas competências demanda mudanças na cultura escolar e no modo como se compreende o papel da educação infantil na formação humana (Ricieri; Rocha; Ricardo, 2024).

A valorização da escuta, do acolhimento e da singularidade de cada criança são princípios fundamentais de uma prática pedagógica sensível às emoções. Quando o educador reconhece o aluno como sujeito ativo, que sente, pensa e age, contribui para o fortalecimento de sua identidade, autonomia e autoestima (Jankauskas, 2024; Nascimento, 2023).

A neuroeducação não se apresenta como um modelo fechado ou uma metodologia única, mas como uma perspectiva integradora que amplia a compreensão dos processos educativos. Ao considerar o cérebro em sua dimensão emocional e relacional, essa abordagem propõe caminhos para a ressignificação da prática docente, ancorada na escuta, no vínculo e na intencionalidade pedagógica (Hennemann, 2015; Dias; Del Prette, 2022).

Conclui-se, portanto, que investir em práticas pedagógicas fundamentadas na neuroeducação é fundamental para que a escola cumpra seu papel na formação integral da criança. A promoção das habilidades socioemocionais não deve ser vista como algo complementar, mas como parte essencial de uma educação comprometida com o bem-estar, a convivência e o desenvolvimento humano em sua totalidade.

Recomenda-se o fortalecimento das políticas públicas de formação

docente e a ampliação dos espaços de escuta e reflexão nas instituições escolares, além da valorização das emoções como condição para aprender é um passo fundamental para transformar a Educação Infantil em um espaço verdadeiramente inclusivo, ético e humanizador.

## **Referências**

DIAS, Talita Pereira; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira. Programa de formação para desenvolvimento socioemocional na Educação Infantil: avaliação das professoras. Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 1223–1244, set./dez. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/epp.2022.69874> . Acesso em: 13 maio 2025.

HENNEMANN, Ana Lúcia. O surgimento da Neuroeducação, 2015. In: Revista Meu Cérebro. Disponível em: <https://meucerebro.com/o-surgimentoda-neuroeducacao> . Acesso em: 13 mai. 2025.

JANKAUSKAS, Rosi Meri Bukowitz. Habilidades socioemocionais na educação infantil: um convite à espiritualidade. Novas Perspectivas Investigativas: Contextos Acadêmicos Multitemáticos, v. 3, n. 13, p. 132–139, jan. 2024. ISSN 2676-0428. Disponível em: <https://revistafesa.com/index.php/fesa/article/view/372>. Acesso em 15 mai. 2025.

MAIA, Bruna de Oliveira; CARVALHO, Livia de Oliveira Teixeira Dias. A importância do trabalho com as habilidades socioemocionais para uma boa saúde mental de crianças da Educação Infantil. Revista Interfaces do Conhecimento, v. 5, n. 1, p. 1–11, jan./abr. 2023. ISSN 2674-998X. Disponível em: <http://periodicos.unicathedral.edu.br/index.php/revistainterfaces/article/view/797/603> . Acesso em 13 mai. 2025.

MARÇAL, Cleonice. A curricularização das habilidades socioemocionais na Educação Infantil da Região Oeste do Paraná. 2024. 117 f. Tese (Doutorado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2024. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNIOESTE-1\\_41e5e2e3bb655d1cf5681eebbcbf1de8b](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNIOESTE-1_41e5e2e3bb655d1cf5681eebbcbf1de8b). Acesso em 13 mai. 2025.

MORAIS, Edmilson Júnior Amorim de. Recursos lúdicos para desenvolvimento de habilidades socioemocionais na educação infantil: relato de experiência. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/10447>. Acesso em 13 mai. 2025.

NASCIMENTO, Kely Anee de Oliveira. O ensino das habilidades socioemocionais na educação infantil. In: VII Congresso Nacional de Educação (CONEDU), 2021, Campina Grande. Anais... Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/80945>. Acesso em: 13 maio 2025.

NEPOMUCENO, Henrique Costa Rodrigues; PAVANATI, landra. A relação entre neurociência e educação infantil: o uso de tecnologias na infância e suas contribuições na prática pedagógica. Monumenta – Revista de Estudos Interdisciplinares, Joinville, v. 4, n. 7, p. 36–71, jan./jun. 2023. ISSN 2675-7826. Disponível em: <https://monumenta.emnuvens.com.br/monumenta/article/view/156>. Acesso em 13 mai. 2025.

OLIVEIRA, Mariana Tudisco de. Desenvolvimento de competências socioemocionais: formação de professores para a implementação e avaliação de uma intervenção com estudantes do ensino fundamental. 2022. 81 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Oeste Paulista – Unoeste, Presidente Prudente, 2022. Disponível em: [https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=11598896](https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11598896). Acesso em 13 mai. 2025.

RICIERI, Jaqueline Leite de Jesus; ROCHA, Fábila Soares; RICARDO, Lorena Santos. A dimensão socioemocional na educação: uma pesquisa bibliográfica. Revista Sociedade Científica, v. 7, n. 1, p. 4157–4177, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.61411/rsc202474417> . Acesso em: 13 maio 2025.

ROCHA, Priscila Kely da; VERCELLI, Lígia de Carvalho Abões. Habilidades socioemocionais na escola: guia prático da educação infantil ao ensino fundamental, Roseli Bonfante. Dialogia, São Paulo, n. 35, p. 283–287, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/dialogia.n35.17437> . Acesso em: 13 maio 2025.

SILVA, Tarcísio Fulgêncio Alves da; AZEVÊDO, Barbara Kelly Gonçalves. Conhecimentos sobre neuroeducação: importância e desafios enfrentados por professores da Educação Infantil. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, São Paulo, v. 10, n. 4, p. 2466–2480, abr. 2024. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/13660>. Acesso em: 13 maio 2025.